Se sempre situamos a imagem fora de nós é para poder vê-la porque dentro nós ela é invisível.

A visão é o pensamento em ação, vivemos num oceano visual e mesmo quando há deficiência no órgão nossa mente esta povoada de visões. Estas visões constroem nossas paisagens. Damos nomes ás coisas, fazemos e construímos à semelhança de uma imagem que é ao mesmo tempo ideal e natural, com fios que se tecem entre *o dentro* e *o fora* da nossa pele.

Imaginar é fazer imagens e fazemos imagens quando pensamos, falamos, escrevemos, pintamos, esculpimos, construímos, cantamos, dançamos, gravamos, fotografamos ou filmamos. Fazemos imagens quando sonhamos. Fazemos imagens quando fazemos música. Fazemos imagens porque sem elas não podemos acreditar o que os nossos olhos acreditam ver. Fazer imagens é dar sentido às experiências:

“[...] toda experiência consciente tem necessariamente um grau de qualidade imaginativa. Já que as raízes da experiência se encontram na interação da criatura viva com seu meio, esta experiência se torna consciente, uma matéria da percepção, somente quando os significados derivados de outras experiências entram nela. A imaginação é a única via de saída para que estes significados encontrem seu caminho dentro da interação presente; [...] o ajuste consciente do novo e o velho é a imaginação. A interação da criatura viva com seu meio ambiente se encontra na vida vegetal e animal. Mas a experiência vivida é humana e consciente somente enquanto o que é dado aqui e agora se estende por significados e valores extraídos daquilo que é ausente de fato e presente só imaginativamente.” (DEWEY, Art as Experience, [1934] 2005, p. 283-284)

Por isso tocar é uma forma de ver e ver é uma forma de tocar. No livro derradeiro em que Derrida faz uma homenagem á filosofia do toque de Jean Luc Nancy, podemos ler:

“[...] Não temos que fazer escolhas entre olhar ou intercambiar olhares ou encontrar miradas, e ver simplesmente ver? E primeiro entre ver o ver (seeing the seeing) e ver o visível? Já que se nossos olhos vêm o que é ver antes que o que é visível, se acreditam que vem um olhar antes que uns olhos, pelo menos até ai, até essa extensão em si, eles não vem nada, então, nada que possa ser visto, nada visível. Longe de toda visibilidade, eles procuram na noite. Se cegam para poder ver o olhar, eles evitam ver a visibilidade dos olhos do outro de tal maneira que se dirigem somente à sua mirada (to his or her gaze), á sua vista (to his or her sight) que é meramente ver, á sua visão (to his or her vision) [...]”(p.2)

“- Mas precisamente, quando meu olhar encontra o seu, vejo tanto seu olhar como seus olhos, amor em fascinação – e seus olhos não só vêm como são visíveis. E desde que estão visíveis (coisas e objetos do mundo) tanto como vendo (na origem do mundo) eu poderia precisamente tocá-los com meu dedo, meus lábios ou mesmo meus olhos, cílios e sobrancelhas, chegando perto de você- se um dia eu me atrevi chegar perto de você desta maneira, se um dia eu me atrevi.” (DERRIDA, 2005, p. 3)

Podemos pensar então que a imaginação acontece entre o mundo exterior e mundo interior, imaginar é fazer imagens entre o que esta fora e o que está dentro, fazer imagens é tocar e ser tocado.

Mas fazer imagens não é necessariamente fazer arte...

O que é necessário para que a imagem se torne arte?

(Continuará)